

Veja *Presidência*

Aliados em paz só até ano 2000

Sucessão de FH vai reabrir disputa no meio do 2º mandato

BRASÍLIA – Os partidos que integram a coligação que reelegeu o presidente Fernando Henrique Cardoso – PSDB, PFL, PPB e PTB – e o PMDB devem estabelecer uma trégua informal nos próximos dois anos. Somente a partir do ano 2000 é que seus líderes e prováveis candidatos, segundo estimativa da maioria deles, consideram que estarão maduras as condições para deflagrar a disputa pela Presidência da República em 2002.

Os governadores eleitos por esses partidos são apontados como os principais nomes para a sucessão de Fernando Henrique. Mas o presidente precisará ter muita habilidade para administrar a disputa partidária na formação do ministério, tomando cuidado para, dizem seus conselheiros, não consolidar privilégios. Os partidos aliados esperam o resultado das eleições para a Câmara e o Senado, para conhecer sua força política e reivindicar seu

espaço no governo, armando-se para o futuro. O apetite é grande.

2002 – No PSDB, os potenciais candidatos são os governadores Mário Covas (SP), Tasso Jereissati (CE), desde que vençam em seus estados, e o ministro da Saúde, José Serra. “Não há nenhum nome consolidado no partido”, disse o líder do PSDB, deputado Aécio Neves (MG). O tucano acredita que os governadores vão passar por muitas dificuldades nos dois primeiros anos, devido ao ajuste nas contas públicas, e que isto inibirá o início imediato da luta política pela candidatura presidencial para 2002.

No PFL, o nome de César Maia (RJ) figurou como presidenciável durante um bom tempo, mas isso dependerá de seu desempenho na votação de ontem. Jaime Lerner (PR), se ganhar agora, e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (BA), são candidatos do partido a 2002. “O PFL vai escolher, no momento apropriado, um candidato que tenha viabilidade eleitoral”, disse o vice-presidente da Executiva, deputado José Jorge (PE).

No PPB, o ex-governador Paulo Maluf quer vencer a eleição para o

governo de São Paulo para disputar a presidência em 2002. Maluf evita falar na sucessão de Fernando Henrique e desconfia: “Quero fazer o melhor governo que São Paulo já teve”. Mas seus assessores dizem claramente que 2002 será a última chance para que ele concretize o sonho de chegar ao Palácio do Planalto. “A estratégia do Maluf é ter um bom desempenho no governo de São Paulo e, depois da metade do mandato, ir para uma posição de independência”, prevê o deputado Arnaldo Faria de Sá (PPB-SP).

No PMDB, os pré-candidatos são o governador Antônio Britto (RS), o senador Iris Resende (GO), o ex-deputado Jarbas Vasconcelos (PE) e o ex-presidente Itamar Franco (MG), se vencerem as eleições estaduais. O partido tem interesse em que Fernando Henrique vá bem no segundo mandato, para tirar dividendos eleitorais em 2002. “Estamos nos estruturando para ter um candidato próprio, mas isto não é conflitante com o apoio às políticas do governo Fernando Henrique”, afirmou o líder na Câmara, deputado Geddel Vieira Lima (BA).

Ministério – Se a disputa sucessória mais explícita pode ser adiada por dois anos, o mesmo não se pode esperar da briga entre os partidos por espaços dentro do governo, porque acreditam que isto os dará instrumentos para a próxima campanha. Todos os aliados reivindicam um espaço maior no governo e vinculam seu quinhão ao desempenho eleitoral para o Congresso. “Se o PFL crescer como nós esperamos, queremos ter um espaço maior”, disse José Jorge. “O presidente vai saber dar a cada um o seu espaço”, afirmou Geddel, do PMDB.

Os tucanos, que reclamam ter feito muitas concessões em nome das reformas no primeiro mandato, desta vez não querem que a cota do PSDB no ministério seja a cota de Fernando Henrique. “O PSDB vai conversar institucionalmente com o presidente”, afirmou Aécio Neves. No PPB não se fala ainda em ministério, embora o deputado Francisco Dornelles (RJ) seja apontado como candidato a retornar ao governo no segundo mandato. (I.F.)